



TEOLOGIA SISTEMÁTICA

Clark H. Pinnock

Tradução: Arnon Batista*

PINNOCK, Clark H. *Systematic Theology*. In: **The Openness of God: A Biblical Challenge to the Traditional Understanding of God**. Downers Grove: InterVarsity Press, 1994.

Agora que já examinamos como a Bíblia retrata a identidade de Deus em termos pessoais (capítulo 1) e como esse retrato foi mal manuseado pela tradição (capítulo 2), nossa tarefa é propor uma doutrina de Deus mais coerente e bíblica. Quero superar quaisquer distorções causadas por excessiva helenização e permitir que o ensino bíblico opere mais normativamente. Meu alvo é fazer mais justiça ao caráter mutual e relacional tanto do Deus trino como da aliança Deus-humanidade¹.

O conceito de Deus é o tópico mais importante da teologia—e o mais misterioso. Lidar com ele nos alerta às limitações do nosso entendimento finito. Não estamos, no entanto, começando do zero ou operando somente à luz da sabedoria humana, mas

* Graduado em Teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC). Atualmente, cursando o mestrado em Antigo Testamento pelo Dallas Theological Seminary.

¹ Essa visão tem sido descrita pelos presentes autores em outros lugares: ver Richard Rice, *God's Foreknowledge and Man's Free Will* (Minneapolis: Bethany House, 1985); David Basinger and Randall Basinger, eds., *Predestination and Free Will* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1986), pp. 143-62; Clark H. Pinnock, ed., *The Grace of God, The Will of Man: A Case for Arminianism* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1989); William Hasker, *God, Time and Knowledge* (Ithaca, N. Y.: Cornell University Press, 1989); e David Basinger, *Divine Power in Process Theism: A Philosophical Critique* (Albany, N. Y.: State University of New York Press, 1988).

refletindo acerca daquelas perfeições que precisam ser atribuídas ao ser divino com base na própria automanifestação de Deus em Jesus Cristo. Com base da revelação, nos esforçamos para obter um entendimento bíblica e conceitualmente são de Deus e do conjunto de propriedades divinas que contribuem para um entendimento coerente. Cada atributo precisa ser explicado coerentemente e, unidos, os atributos precisam ser compatíveis um com o outro e com a visão de Deus como um todo. Creio que a não ser que o retrato de Deus seja compelativo, a credibilidade da crença em Deus está fadada ao declínio.²

Na teologia cristã, não estamos lidando apenas com qualquer conceito antigo de Deus, mas com o surpreendente Deus e Pai de nosso Senhor Jesus. Esse é um Deus que não permanece em uma distância segura, preocupado com sua própria honra, mas que revela seu santo braço e resgata a humanidade, compartilhando de seu pesar e aflição. Não estamos lidando com uma deidade inacessível, mas com o Deus que tem uma face humana e não é indiferente a nós, sendo antes profundamente envolvido conosco em nossas necessidades.

Doutrinas são importantes porque expressam as afirmações de verdade da religião tanto para os dentro como os de fora. Elas tentam declarar fielmente o que cremos e descrever oportunamente as realidades que subjazem esses comprometimentos. Doutrinas exploram a substância cognitiva da mensagem cristã. A doutrina de Deus visa destilar em forma conceitual o que sabemos de Deus por meio da revelação, verdade que comporta significado último para a humanidade.³

Nenhuma doutrina pode ser mais importante que a doutrina de Deus. Ela é a principal doutrina de qualquer teologia porque à parte dela a visão da fé não pode ser declarada. Toda a criação está fundamentada em Deus, e o fluxo da história é a esfera na

² Lidando com o conceito de Deus, ver Thomas V. Morris, *Our Idea of God: An Introduction to Philosophical Theology* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1991), e Keith Ward, *The Concept of God* (London: Collins, 1977). Para uma busca mais ampla pelo entendimento da identidade de Deus, ver Karen Armstrong, *A History of God: The 4000 Year Old Quest of Judaism, Christianity and Islam* (New York: Knopf, 1993).

³ Sobre a importância da doutrina, ver Alister McGrath, *Understanding Doctrine: Its Relevance and Purpose for Today* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1990).

qual seus propósitos são externados. A doutrina vai além do interesse acadêmico, possuindo grande importância missiológica e prática.⁴ Como podemos recomendar a crença sem que tenhamos formado uma concepção convincente de Deus para nós mesmos? O ateísmo moderno resultou, em parte, de distorções que adentraram a doutrina de Deus a partir da filosofia. Não podemos crer se tivermos conceituado Deus de maneiras existencialmente repugnantes. Faz diferença retratar Deus como genuinamente relacionado à vida humana ou como dela afastado e indiferente às necessidades humanas. Por outro lado, formular essa doutrina de um modo que mostre a relevância da crença em Deus tem grande valor apologético a medida que pessoas aprendem que Deus compartilha de suas tristezas e tocado pelo sentimento de suas enfermidades.

A humildade é essencial na consideração de assuntos tão sublimes. O que o apóstolo disse sobre o nosso conhecer “em parte” é muito adequado. É verdadeira sua exclamação: “Ó profundidade da riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e inescrutáveis os seus caminhos!” (Rm 11:33 ARA). Na teologia, assim como na vida cristã em geral, somos peregrinos viajando rumo ao Reino de Deus. Algumas coisas são altas demais para nós, e podemos sempre aprender em diálogo com outros. Entretanto, esperamos nos aproximar um pouco mais da verdade por nossos esforços; se entrarmos em uma rua sem saída, não seremos orgulhosos a ponto de não retrair nossos passos e tentar um caminho diferente. Insistimos na distinção entre a Bíblia e nossas tentativas de interpretá-la, e acreditamos que Deus sempre tem mais luz a lançar sobre Sua Palavra do que já recebemos.⁵

⁴ Como nota Schubert Ogden em *The Reality of God* (New York: Harper and Row, 1966), cap. 1. Gordon D. Kaufman torna o conceito de Deus central na sua obra *In Face of Mystery: A Constructive Theology* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1993).

⁵ Sobre a teologia como uma tarefa inacabada, ver Michael Bauman, *Pilgrim Theology: Taking the Path of Theological Discovery* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1992).

MODELOS BÁSICOS

A interpretação é uma atividade humana em que fazemos distinção entre a informação bíblica primária e quaisquer pressuposições e interesses que trazemos à tarefa. Na teologia, como na ciência, fazemos uso de modelos. Modelos nos ajudam a lidar com assuntos complexos como cristologia, eclesiologia, salvação e assim por diante. Deparamo-nos com uma grande variedade de dados a serem interpretados e somos compelidos a escolher um ângulo de abordagem. No caso da doutrina de Deus, todos temos um retrato básico da identidade de Deus em nossas mentes quando pesquisamos as Escrituras, e esse modelo influencia nossa exposição. Que grande diferença faz, por exemplo, se pensamos em Deus como um juiz austero, um pai amável ou um avô indulgente. Na teologia, fazemos experimentos com ângulos óticos plausíveis e os testamos.⁶

Dois modelos de Deus são particularmente influentes, os quais muitas pessoas geralmente possuem mentalmente. Podemos pensar em Deus primariamente como um monarca distante, removido das contingências do mundo, imutável em todo aspecto do ser, como um poder todo-determinador e irresistível, consciente de tudo que irá acontecer e nunca se arriscando. Ou podemos entender Deus como um pai cuidadoso, amoroso e responsivo, generoso e sensível, aberto e vulnerável, uma pessoa (ao invés de um princípio metafísico) que experimenta o mundo, responde ao que acontece, se relaciona conosco e interage dinamicamente com humanos. Essas correspondem às diferenças que Sanders notou entre o Deus da filosofia grega e o Deus da Bíblia.⁷ Deus é soberano em ambos os modelos, mas o modo de sua soberania difere.

Neste livro estamos promovendo o segundo modelo, o da visão aberta de Deus. Nosso entendimento das Escrituras nos leva a retratar Deus, o Criador soberano, como voluntariamente trazendo a existência um mundo com agentes pessoais significativamente livres, agentes que podem responder positivamente a Deus ou rejeitar

⁶ Sobre o uso de modelos na teologia, ver Richard Rice e John Sanders em *Grace of God*, ed., Pinnock, pp. 130-37, 167-78.

⁷ N. do T.: Clark se refere aqui ao capítulo anterior do livro, onde John Sanders explora o teísmo aberto à luz da teologia histórica.

seus planos. Alinhado com a decisão de fazer esse tipo de mundo, Deus governa de modo a sustentar as estruturas criadas e, porque dá liberdade às suas criaturas, deleita-se em aceitar um futuro aberto, não fechado, com um relacionamento dinâmico, não estático, com o mundo. Acreditamos que a Bíblia apresenta uma visão aberta de Deus, que é vivo e ativo, envolvido na história, relaciona-se conosco e muda em relação a nós. Vemos o universo como um contexto no qual existem escolhas reais, alternativas e surpresas. O modelo da abertura de Deus significa que Deus está aberto às realidades mutáveis da história, que Deus se importa conosco e permite que nossas ações tenham impacto sobre si. Nossas vidas fazem diferença para Deus—elas são realmente significativas. Deus fica maravilhado quando cremos nele e triste quando nos rebelamos contra ele. Deus nos fez criaturas significantes e nos trata como tais. Somos significativos para Deus, a menina dos seus olhos (Sl 17:8).⁸

Esperamos persuadir tanto pessoas de dentro como de fora da igreja a considerar Deus desta forma, porque cremos ser mais bíblico e significativo fazê-lo. Alguns críticos podem falar sobre “uma batalha de deuses,” como se estivéssemos advogando um Deus que não é o Deus do Cristianismo histórico.⁹ Estamos, na verdade, realizando uma competição entre modelos de Deus, tentando entender melhor o Deus da revelação cristã. Compreendo que reconsiderar um modelo de Deus pode ser uma questão delicada para alguns leitores. Pode haver a impressão de que quando um modo conhecido de pensar sobre Deus é questionado, o próprio Deus é perdido ou se torna distante. No entanto, a experiência de reconceitualização pode ser positiva. Depois da ansiedade inicial do repensar, pode-se encontrar Deus de uma nova maneira na próxima curva da estrada da reflexão. Em vez de nos preocuparmos com o *nosso* desconforto, talvez devêssemos estar preocupados com a reputação *de Deus*. Não nos preocupa que o nome de Deus é frequentemente desonrado por causa de pobres teologias de Deus? Como podemos esperar que cristãos se deleitem em Deus e que os de fora busquem a Deus, se retratarmos

⁸ A visão aberta de Deus também é delineada em Keith Ward, *Holding Fast to God: A Reply to Don Cuppit* (London: SPCK, 1982), cap. 3.

⁹ Ver Robert A. Morey, *Battle of Gods: The Gathering Storm in Modern Evangelicalism* (Southbridge, Mass.: Crown, 1989). Morey equaciona a visão aberta de Deus com o que chama de deusismo finito. O que me incomoda sobre a sua visão não é a acusação de heresia, mas principalmente a distância que sinto entre sua visão de Deus e o amável coração do Pai.

Deus de formas bíblicamente falhas, racionalmente suspeitas e existencialmente repugnantes? De fato não podemos esperá-lo.

TEOLOGIA SISTEMÁTICA

Muitos cristãos contemporâneos não ficarão surpresos com o modelo da abertura de Deus, também chamado de teísmo do livre-arbítrio. Eles já desfrutaram de um relacionamento vital e pessoal com Deus e experimentam Deus como dinamicamente responsivo a eles. Poucos duvidam de que o que fazem na vida tem um impacto em Deus e suscita respostas apropriadas da parte de Deus. O problema, na verdade, está mais na teologia sistemática do que na experiência religiosa. Por alguma razão, quando fazemos teologia perdemos de vista a abertura de Deus que experimentamos. Há resistência na hora de conceituá-la, mesmo que seja existencialmente familiar.

Isso ocorre por causa da tradição. A história da doutrina testemunha uma inclinação à transcendência de Deus em oposição a sua imanência. A teologia enfatizou uma série de propriedades divinas em detrimento de outras e perturbou o delicado equilíbrio entre elas. Embora Deus seja transcendente e imanente, a teologia se inclinou para um dos lados. Em Isaías ouvimos o equilíbrio de Deus quando diz: “Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito...” (Isaías 57:15). Embora reconheçam a verdade da imanência divina, teólogos geralmente colocam a preponderância da ênfase de sua teologia na transcendência de Deus. Eles preferem falar mais do poder que da fraqueza de Deus, mais da eternidade de Deus do que de sua temporalidade, e mais da imutabilidade de Deus do que a capacidade de mudança em sua relação conosco. Isso representa uma distorção teológica que precisa ser corrigida, porém sem extrapolação.¹⁰ Espero que o leitor não veja minha posição como uma reação extrapolada; esta não é minha intenção.

¹⁰ Emil Brunner discute esse problema em *The Christian Doctrine of God* (Philadelphia: Westminster Press, 1950), pp. 151-56. John Macquarrie fala da dialética em *In Search of Deity: An Essay on Dialectical Theism* (London: SCM, 1984), chap. 13.

É importante reconhecer que Deus (de acordo com a Bíblia) é tanto transcendente (isto é, autossuficiente, o Criador do mundo, ontologicamente outro em relação à criação, soberano e eterno) como imanente (isto é, presente no mundo, ativo na história, envolvido, relacionável e temporal). Combinando os dois, dizemos que Deus é tão transcendente que cria espaço para a existência de outros e mantém um relacionamento com eles, que Deus é tão poderoso a ponto de se curvar e se humilhar, que Deus é tão estável e seguro a ponto de se arriscar ao sofrimento e a mudança. A teologia deve se esforçar para fazer mais justiça às duas verdades e sustentá-las com equilíbrio apropriado. Deus não deve ser situado tão distante em nosso pensamento a ponto de se tornar irrelevante à vida humana ou tão perto a ponto de se tornar dependente do mundo, não por volição, mas necessariamente.

A teologia tradicional foi enviesada na direção da transcendência como resultado de influências filosóficas indevidas. O pensamento grego localizou o último e o perfeito no reino da imutabilidade e da transcendência absoluta. Isso levou os primeiros teólogos (já que o Deus bíblico também é transcendente) a tentar equiparar o Deus da revelação com o ideal grego de deidade. No entanto, um preço precisava ser pago em termos de fidelidade a Escritura e relevância à vida humana. Um exemplo impressionante disso é a maneira como distorceram a autoatribuição divina “EU SOU O QUE SOU” (Ex 3:14). Esse texto, que aponta para o Deus vivo do êxodo, foi transmutado num princípio de imutabilidade metafísica à medida que o dinâmico “EU SOU” do texto hebraico se tornou o impessoal “Ser que é” da Septuaginta Grega (LXX), permitindo teólogos como Filo e Orígenes fazerem a conexão de uma deidade grega imutável com o Deus que age na história. O que Deus está dizendo para Moisés nesse versículo não é “Eu existo” ou mesmo “Eu estarei presente”. Deus está dizendo que será um Deus fiel ao seu povo. Esse é um exemplo da maneira como, na teologia, a imagem de Deus definida no horizonte do pensamento grego substitui a imagem do Deus vivo da revelação bíblica. O Deus da promessa que age na história passou a ser substituído por uma declaração metafísica sobre a existência abstrata.¹¹

¹¹ Ver a discussão disso em Adrio König, *Here Am I! A Believer's Reflection on God* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1982), pp. 67-68, and Walter Kasper, *The God of Jesus Christ* (New York: Crossroad, 1986), p. 148.

Ninguém deve criticar os pais por tentarem integrar crenças filosóficas contemporâneas com noções bíblicas. Se Deus é o Deus do universo e se a verdade é uma, teólogos devem tentar integrar toda a verdade que conhecem de qualquer área. Mas é essencial integrar essas várias contribuições de tal modo que a mensagem bíblica não seja negada ou comprometida. Na integração, as noções da revelação devem ser normativas e não colocadas de lado.¹²

Felizmente, a propensão a transcendência na dogmática tradicional nem sempre foi extrema. Os cristãos não perderam consistentemente de vista o retrato dinâmico de Deus nas Escrituras, que se manteve presente em hinos, sermões e liturgias, comumente mais conservadores quanto à linguagem bíblica. Tal retrato estava presente até na teologia, particularmente em assuntos como a encarnação. Ao contemplar esse mistério, os mesmos teólogos frequentemente admitiam que ao se tornar carne, o logos se submeteu a mudança, por causa do desejo de Deus ser gracioso para com a humanidade. A doutrina da encarnação requer uma reflexão cautelosa sobre a imutabilidade de Deus, e isso não foi perdido nos pais.¹³ Entretanto, a ênfase unilateral na transcendência de Deus (em Deus virado para longe de nós, não em direção a nós) continuaria a distorcer teologias católicas e protestantes até o presente.¹⁴

Minha tarefa aqui é corrigir esse desequilíbrio no lidar com a transcendência e a imanência de Deus. Isso inclui permitir que a Escritura desafie a tradição, não permitindo que a teologia seja helenizada onde fazê-lo não for bíblico. Mesmo abertos a tudo que é bom no pensamento grego, devemos descartar o que não é bom. Não podemos permitir que uma lealdade indevida aos paradigmas tradicionais e teólogos estimados evite a revisão necessária da doutrina de Deus para hoje.¹⁵

¹² Wolfhart Pannenberg analisa a tentativa de integração em um ensaio clássico, “The Appropriation of the Philosophical Concept of God as a Dogmatic Problem of Early Christian Theology,” em *Basic Questions in Theology*, vol. 2 (Philadelphia: Fortress, 1971).

¹³ Joseph M. Hallman discute esse ponto em *The Descent of God: Divine Suffering in History and Theology* (Minneapolis: Fortress, 1991).

¹⁴ Hendrikus Berkhof fala dessa distorção em *Christian Faith: An Introduction to the Study of the Faith* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1979), pp. 106-11.

¹⁵ Thomas Oden tem certa razão em sua *Systematic Theology* quanto nos chama de volta às tradições antigas, mas certamente nem todas as tradições merecem nosso comprometimento. Sobre a necessidade de repensar as coisas, ver Stanley J. Grenz, *Revisioning Evangelical Theology: A Fresh Agenda for the 21st Century* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1993).

A cultura moderna pode, de fato, nos assistir nessa tarefa porque o horizonte contemporâneo é mais apropriado ao pensamento dinâmico acerca de Deus do que o retrato grego. Hoje é mais fácil convidar pessoas a encontrar realização em um Deus dinâmico, pessoal, que chamá-las à realização em uma deidade imutável e fechada em si mesma. O pensamento moderno tem mais espaço para um Deus pessoal (e até tri-pessoal) do que para um Deus que é substância absoluta. Devemos ser gratos por essas características da cultura moderna que tornam a tarefa de recuperar o testemunho bíblico mais fácil.¹⁶

Permita-me agora tentar corrigir o desequilíbrio no manejo teológico da transcendência e da imanência por meio da exposição das perfeições divinas relevantes. Ao fazê-lo, tomarei cuidado para não incorrer em uma correção extrapolada ou reverter a curva, desta vez na direção da imanência, como a teologia liberal costumeiramente fez. Busquemos uma maneira de revisar o teísmo clássico em uma direção dinâmica sem cair na teologia do processo.¹⁷

A TRINDADE

A doutrina da Trindade é a peça central do teísmo cristão. A igreja sempre confessou que o Deus que criou todas as coisas é um e muitos (não uma unidade simples não-diferenciada), e incorpora plenitude relacional e riqueza de ser em si. Devido ao fato de Pai e Filho serem pessoas e a Escritura falar do Espírito Santo em termos pessoais, é apropriado falar de Deus como uma comunidade de pessoas em vez modos do ser.¹⁸

Essa doutrina é relevante para a abertura de Deus porque a trindade social é uma estrutura aberta e dinâmica. Ela não retrata Deus como um indivíduo solitário e

¹⁶ Walter Kasper indica isso em *The God of Jesus Christ* (New York: Crossroad, 1986), pp. 152-57.

¹⁷ A tentativa de alcançar equilíbrio entre transcendência e imanência é o mote em torno do qual Stanley J. Grenz e Roger E. Olson analisam a teologia moderna em *20th-Century Theology: God and the World in a Transitional Age* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1992). Eu tentei encontrar uma via média em "Between Classical and Process Theism," em *Process Theology*, ed. Ronald Nash (Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1987), pp. 309-27.

¹⁸ A analogia social da Trindade tem ganhado espaço; ver Ted Peters, *God as Trinity: Relationality and Temporality in Divine Life* (Louisville, Ky.: Westminster/Knox, 1993); Colin E. Gunton, *The Promise of Trinitarian Theology* (Edinburgh: T & T Clark, 1991), cap. 5; Wolfhart Pannenberg, *Systematic Theology*, vol. 1 (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1991), cap. 5; e Jürgen Moltmann, *The Trinity and the Kingdom: The Doctrine of God* (San Francisco: Harper & Row, 1981).

autoritário, mas como a essência do amor comunal. Quando apresentado como um potentado solitário, Deus parece ser inimigo da liberdade humana e o ateísmo floresce, mas quando visto como trindade social, Deus é o último em comunhão, mutualidade e partilha. A doutrina nos ajuda a romper com suposições substancialistas sobre Deus como uma “coisa” e coloca a ideia de três pessoas interconectadas no lugar. A Trindade aponta para uma ontologia relacional na qual Deus é mais um evento dinâmico que uma substância simples e é essencialmente relacional, estático e vivo. Deus existe como pessoas distintas unidas em uma comunhão de amor e liberdade. Deus é a perfeição do amor e da comunhão, a própria antítese da autossuficiência.¹⁹

A Trindade nos permite dizer simultaneamente duas coisas muito importantes sobre Deus—que ele é (por um lado) completamente autossuficiente e (por outro lado) aberto para o mundo em amor transbordante. Ela lança luz sobre o genuíno prazer de Deus em criaturas como seres sociais e sobre o porquê dele as convidar para compartilhar a riqueza da comunhão divina como seus amigos. Seu amor por nós não é a benevolência de um rei distante, antes, é como o terno amor de uma mãe amamentando (Is 49:15).²⁰

O modelo trinitariano parece superior ao teísmo do processo nessa questão da abertura divina. Este modelo nos deixa criticar o teísmo clássico sem caminhar na direção do teísmo do processo, não tem uma patente na natureza dinâmica, relacional e temporal de Deus. O Deus trino (diferente do Deus do teísmo do processo) não precisa do mundo para compensar amor e mutualidade ausentes da sua natureza. A Trindade permite a igreja confessar que Deus é tanto autossuficiente como amável ao mesmo tempo. O problema da teologia do processo parece ser o fato de ela implicar que o mundo é necessário para Deus, de modo que Deus não é livre na criação, mas necessariamente amarrado ao mundo. A Trindade, sendo um evento de relacionamento, pode ser aberta ao mundo por escolha própria e trabalhar rumo a mutualidade, já presente no ser de Deus, na história.

¹⁹ Sobre Deus como três pessoas em comunhão, ver Catherine M. LaCugna, *God For Us: The Trinity and the Christian Life* (San Francisco: HarperSanFrancisco, 1991), especialmente o capítulo 8, e Cornelius Plantinga Jr., “The Hodgson-Welch Debate on the Social Analogy of the Trinity,” Ph.D. diss., Princeton University, 1982.

²⁰ Moltmann ressalta isso em *Trinity and the Kingdom*, cap. 6. A semelhança de LaCugna, ele é sensível a uma ontologia relacional.

A Trindade retrata um Deus relacional que é ontologicamente outro e um mundo dinâmico que tem valor real. Como internamente social e autossuficiente, Deus não precisa do mundo, mas o cria da abundância da sua vida interior. Deste modo, Deus é livre para criar e reagir ao mundo, livre para ser gracioso e tomar a iniciativa onde necessário. Gregory Boyd escreve:

Somente se Deus for antecedentemente atual, relacional e autossuficiente em relação ao mundo, pode Deus ser livre o suficiente para fazer o que a Escritura proclama que Deus de fato realizou em Jesus Cristo. Somente um Deus que é internamente social em sua deidade pode realizar a façanha mais que necessária de abrir essa sociabilidade ao que é fundamentalmente diferente de sua própria pessoa divina. Somente um Deus que é social e autossuficientemente trino como amante, amado e amável pode ter a iniciativa radical e completamente não-causada de tomar para dentro de si mesmo a completa natureza de um ser não divino para trazer completude ao todo da criação não-divina²¹.

A CRIAÇÃO

O Deus trino é o Criador do mundo a partir do nada. Isso significa que Deus não simplesmente influencia a matéria preexistente, mas que tudo depende dele para existir. A crença na criação capta uma dimensão essencial da cosmovisão teísta porque postula o mundo como criação de Deus, originado em Deus. Cada ser deve sua existência a Deus, cujo próprio ser é independente de qualquer mundo, tornando qualquer relação com o mundo voluntária, não necessária. Também implica que Deus tem poder para intervir no mundo, interrompendo (se necessário) as consequências causais normais.

No entanto, ao contrário da opinião de alguns, o ato da criação não significa que Deus controla e determina todas as coisas. Deus é livre para criar da forma que quiser e escolheu criar algumas criaturas com a capacidade de escolha. Deus os deu autonomia relativa e derivada. Como coloca H. P. Owen, “Deus pode criar tais seres como quiser; e escolheu criar algumas criaturas com a capacidade de livre escolha”²².

²¹ Esse é o ponto básico da tese de Gregory A. Boyd como um todo; ver *Trinity and Process: A Critical Evaluation and Reconstruction of Hartshorne's Di-Polar Theism Towards a Trinitarian Metaphysics* (New York: Peter Lang, 1992), pp. 332-33.

²² H. P. Owen, *Concepts of Deity* (New York: Herder and Herder, 1971), p. 9.

Sendo socialmente trino, Deus fez um mundo onde há liberdade, no qual relacionamentos de amor podem florescer; um ecossistema capaz de ecoar a vida trina de Deus. Podemos pensar na humanidade como a imagem criada da natureza social de Deus. Essa deve ser a razão de Deus ter dito no princípio que a criação era “boa”—pelo prazer que essa particularidade dela traz a Deus. Como trino, Deus seria autossuficiente sem criar qualquer mundo, mas sendo trino, ele se deleita em um mundo onde interage com criaturas as quais seu amor pode transbordar. Deus não precisa de um mundo no sentido de ter alguma deficiência em sua natureza, mas quer um mundo que lhe agrada e deleita o coração.²³

Isso ajuda a explicar porque Deus fez seres humanos—porque eles são capazes de responder a Deus e lhe ouvir a Palavra. Suas vidas, a semelhança da vida do próprio Deus, são dinâmicas e orientadas a plenitude no reino vindouro. Deus quis um mundo onde relações pessoais e comunhão amorosa pudessem se desenvolver. Não seria um mundo totalmente determinado, mas povoado por agentes livres, o que é próprio de criaturas. Sem ter de sê-lo metafisicamente, Deus busca comunhão conosco por graça e amor transbordante. Soberano e livre, Deus escolhe estar envolvido conosco.²⁴ Ele não permanece em isolamento esplêndido, mas se relaciona com suas criaturas. Na encarnação, Deus se inclina, compartilha de nossas vidas e se envolve em nossas alegrias e tristezas. Deus não escolhe expressar sua deidade de modo indiferente, independente e totalmente controlador, mas criando seres livres no âmbito finito e entrando amorosamente em suas vidas.²⁵

Assim, Deus criou um mundo que reflete, na condição de criado, a bondade que caracteriza a própria experiência de Deus como trino. Com alto custo, Deus está guiando o mundo ao ponto onde refletirá mais perfeitamente a bondade que o próprio Deus desfruta. Deus faz tudo isso sem ter de fazê-lo, sem ser compelido por qualquer coisa fora de si mesmo. A felicidade de Deus não pode ser aumentada, mas pode se expressar no

²³ O livro de John Piper tem um nobre título: *The Pleasures of God* (Portland, Ore.: Multnomah Press, 1991).

²⁴ Karl Barth, *Church Dogmatics 2/1* (Edinburgh: T & T Clark, 1957), pp. 272-321.

²⁵ Otto Weber, *Foundations of Dogmatics* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1981), 1:440-47.

mundo. A criação é uma ocasião para a expressão da experiência de Deus fora de Deus. No espírito da antiga imagem da dança estática do Deus trino, podemos dizer que o propósito da criação é expressar este mesmo movimento deleitável no nível das criaturas, sempre convidando novos parceiros a dança. Além da necessidade metafísica, Deus cria um mundo não-divino com verdadeiro significado e aceita os riscos de entrar em um relacionamento com ele. O objetivo foi criar, no tempo e no espaço, um eco da comunhão que Deus experimenta na eternidade, um reflexo do movimento amoroso inerente a Deus no nível de criaturas. Essa decisão deu a Deus a possibilidade de refletir a si mesmo na ordem criada e de desfrutar o deleite de interações reais. Deve ser clara a razão da criação ser tão estimada ao coração de Deus.²⁶

TRANSCENDÊNCIA E IMANÊNCIA

Em relação ao mundo, Deus, o Criador, é tanto transcendente como imanente. Há muitas polaridades na teologia: um e muitos, três pessoas e uma essência, uma pessoa e duas naturezas e etc. De maneira dialética, Deus tanto transcende o mundo como participa nele, é alto e exaltado bem como lhe é muito próximo. Deus transcende e ultrapassa o mundo como seu Criador, mas também nele habita e é ativo. Embora transcendente, Deus decide se comprometer e se relacionar conosco. Como diz Isaías, Deus, o Santo, está no nosso meio (Is 12:6). Apesar de soberano e livre, Deus decide não habitar sozinho, mas estabelecer comunhão conosco. Deus escolheu ser por nós, ao ponto de tomar forma humana.

Uma analogia parcial é a do artista, alguém que transcende a sua obra e a molda fora de si, ao passo que ainda lhe transmite algo de si mesmo. A analogia não pode captar a intimidade e penetração da habitação de Deus no mundo, ainda que, de uma forma superior, Deus, embora ontologicamente distinto das formas criadas, cria um mundo externo a si e escolhe ser presente e imanente nele. Por um lado, Deus é soberano e livre, e não precisa do mundo. Por outro, Deus decidiu não estar só, mas usar sua liberdade para

²⁶ Boyd discute a benevolência de Deus na criação em *Trinity and Process*, pp. 347-93.

estabelecer comunhão com criaturas e existir em abertura a um mundo em desdobramento.

Por imanência divina, quero dizer que Deus está totalmente presente em tudo que existe. O mundo e Deus não são realidades radicalmente separadas—Deus está presente em cada ser criado. Como disse Paulo, citando um poeta grego, “nele vivemos, nos movemos e existimos.” (Atos 17:28). Hoje, entendemos o mundo como um ecossistema interconectado, um todo dinâmico e em desenvolvimento, o que tornou essa ideia da imanência de Deus ainda mais significativa. Tornou-se mais fácil para nós imaginarmos Deus Espírito trabalhando em todo lugar criativamente na situação cósmica como um todo. Deus não está separado do mundo. A criação não é um evento que ocorreu e foi concluído. É um processo contínuo no qual cada partícula, átomo e molécula têm sua existência sustentada pelo Criador. A criatividade divina tem acontecido desde o início até agora, respeitando o que já foi criado e convocando novas possibilidades para o futuro. A totalidade do mundo em que habitamos expressa a atividade contínua de Deus.

A teologia do processo nega a independência ontológica, afirmando que Deus precisa do mundo tanto quando o mundo precisa de Deus. Isso abandona a distinção crucial entre Deus e o mundo, tão central à descrição escriturística. Ela deixa Deus muito passivo, capaz somente de experimentar o mundo e organizar os elementos que lhe são apresentados. A Bíblia descreve Deus como mais presente no mundo do que isso, como uma deidade operando salvação na história e movendo todas as coisas rumo a uma nova criação.

A relação entre Deus e a criação é assimétrica. O Criador dá vida e liberdade a criatura e voluntariamente limita o exercício do seu poder em relação ela. A abertura de Deus ao mundo é livremente escolhida, não compelida. O teísmo do processo merece ser elogiado por se opor a um conceito estático de Deus e buscar um modelo dinâmico, mas nem todo modelo dinâmico é viável. É importante ter um modelo dinâmico que é bíblica e teologicamente são. A metafísica social trinitária (uma ontologia relacional) resulta em um Deus que é ontologicamente outro, mas ao mesmo tempo incessantemente relacionável e responsivo.

No segundo versículo de Gênesis, lemos sobre o Espírito de Deus pairando sobre a criação. Deus não somente criou do nada—Deus também sustenta o mundo, suscita vida e renova a face da terra. Deus está dentro da criação, nos processos e não nas lacunas. Deus é imanente no universo em toda a sua mutabilidade e contingência, e ativo em todo o longínquo processo do seu desenvolvimento. O Criador tem um relacionamento misterioso com cada pedaço da matéria e com cada pessoa. Precisamos recuperar a imanência de Deus, que nos ajuda a nos relacionarmos com a nova história da criação sendo agora fornecida pela ciência moderna.²⁷

O PODER DE DEUS

Como Criador, Deus é inquestionavelmente o poder superior. Dele é o poder para existir e controlar todas as coisas. Deus não depende de nada mais para ser e é, portanto, livre no nível mais fundamental. Mas onipotência não é a estória completa. Em um mundo que reflete uma comunidade trina, Deus não monopoliza o poder. Se o fizesse, não poderia haver uma ordem criada, pelo menos não uma ordem dinâmica com livres agentes e nem uma que produzisse amor e comunhão. Para alcançar esse tipo de criação, Deus precisa exercer seu poder de formas mais sutis. Ainda que nenhum poder possa lhe resistir, Deus quer a existência de criaturas dotadas de poder de autodeterminação. Isso significa que Deus é um poder superior que não se apega ao seu direito de dominar e controlar, mas que voluntariamente concede às criaturas espaço para florescer. Ao convidá-los para ter domínio sobre o mundo (por exemplo), Deus voluntariamente cede poder e torna possível uma parceria com a criatura.²⁸

Há condescendência na decisão divina de fazer um mundo desse tipo. Ao querer a existência de seres significantes com status independente ao seu lado, Deus aceita

²⁷ Hugh Montefiore, *The Probability of God* (London: SCM, 1985), nos mostra como elaborar um novo argumento teleológico a partir das evidências da ciência moderna em relação a imanência de Deus Espírito.

²⁸ Não é de surpreender que feministas lidam com essa questão refinadamente, tendo experimentado a dominação do poder masculino. Ver Sheila G. Davaney, *Divine Power: A Study of Karl Barth and Charles Harsthone* (Philadelphia: Fortress, 1986), e Anna Case-Winters, *God's Power: Traditional Understandings and Contemporary Challenges* (Louisville, Ky.: Westminster/Knox, 1990).

limitações que não são impostas de fora. Em outras palavras, ao reinar sobre o mundo Deus não é todo-determinador, mas pode querer alcançar seus objetivos através de outros agentes, aceitando as limitações desta decisão. Entretanto isso não faz com que Deus seja “fraco”, pois mais poder é requerido para governar um mundo não determinado do que um determinado. Criar criaturas livres e trabalhar com elas não contradiz a onipotência de Deus, antes, a demanda. Somente a onipotência tem o grau e a qualidade de poder requeridos para empreender tal projeto. Deus tem o poder e a habilidade de ser (nas palavras de Harry Boer’s) um Deus “ad hoc”, alguém que reage e se adapta a surpresas e ao inesperado. Deus estabelece objetivos de criação e redenção, e os realiza *ad hoc* na história. Se o plano A falhar, Deus está pronto para o plano B.²⁹

A condescendência divina é perceptível na esfera da redenção, onde Deus manifesta seu poder paradoxalmente na cruz de Cristo. Que maneira surpreendente de Deus revelar seu poder, na forma de serviço e sacrifício próprio. Esse era o modo de poder que Deus conhecia em sua sabedoria como apropriado para trazer reconciliação, e revela que o amor, não a onipotência, é a perfeição primária de Deus. Quando o amor diz que o poder não operará em determinada situação, ao poder é concedida a retirada em favor da impotência. Deus não vence seus inimigos (por exemplo) forçando-os, mas amando-os. Deus trabalha não para sujeitar nossa vontade, mas para transformar nosso coração. O amor, não o poder absoluto, derrota o mal—Deus não apela para táticas de poder.³⁰

Também podemos dizer que o amor é o modo pelo qual o poder de Deus é exercitado. Deus nem abre mão do poder para amar nem nega o amor para governar, mas combina amor e poder perfeitamente. Esse poder cria vida, a desperta e estimula em outros. A questão não é se, mas de que maneira Deus utiliza poder. O modelo não pode

²⁹ Harry H. Boer, *An Ember Still Glowing: Humankind in the Image of God* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1990), cap. 8. Como um arminiano, posso apenas anelar por mais calvinistas assim. Para uma explicação da providência divina em linhas semelhantes por um arminiano, ver Jack Cottrell, *God the Ruler* (Joplin, Mo.: College Press, 1984).

³⁰ Douglas J. Hall, *God and Human Suffering* (Minneapolis: Augsburg, 1986), cap. 4.

ser de dominação, mas de estímulo e capacitação.³¹

Não podemos definir onipotência como o poder de determinar tudo, mas sim como o poder que capacita Deus a lidar com qualquer situação que surge. Claramente, Deus não é tudo em todos no momento—isto ainda vai acontecer quando o reino chegar (I Co 15:28). A presença do poder de Deus é mais sutil, maior, na verdade, que o poder coercivo de um manipulador de marionetes. O poder monopólico é facilmente administrado—mais difícil de se administrar é um poder que produz agentes livres e governa um universo onde criaturas podem desobedecer. Onipotência não significa que nada pode ser contrário a vontade de Deus (nossos pecados são contrários a ela), mas que Deus é capaz de lidar com qualquer circunstância que surge. A ideia de que onipotência implica um decreto divino e controle total é um conceito alarmante e contrário as Escrituras. O controle total não é uma visão elevada do poder de Deus, antes, o diminui.³² A narrativa bíblica revela claramente que Deus tem rivais e precisa lutar contra eles.

Na tentativa de preservar a noção do poder de Deus como controle total, alguns advogam o que chamam de compatibilismo bíblico, a ideia de que é possível afirmar a liberdade genuína e o determinismo divino ao mesmo tempo.³³ Isso é prestidigitação e não funciona. O fato da nossa rebelião como pecadores contra Deus já testifica contra esse modelo. A queda no pecado foi contrária a vontade de Deus e prova por si só que Deus não exerce controle total sobre todos os eventos deste mundo. Males que não deveriam acontecer, que ofendem e irritam a Deus, acontecem. O teísmo do livre arbítrio é a melhor forma de explicar esse fato. Dizer que Deus odeia o pecado enquanto secretamente o determina, que Deus nos adverte a não se desviar embora seja impossível, que Deus ama o mundo enquanto exclui muitos da oportunidade de salvação, que Deus

³¹ Elizabeth A. Johnson, *She Who Is: The Mystery of God in Feminist Theological Discourse* (New York: Crossroad, 1992), pp. 369-70. Esse livro é paralelo a minha tese sobre a abertura de Deus apesar do fato de Johnson identificar sua posição com o panenteísmo (pp. 230-31). Na verdade, ela nega que o mundo existe necessariamente e que Deus precisa do mundo ontologicamente. Ela usa a palavra *assimétrico* para descrever a relação entre Deus e o mundo e, portanto, não deveria empregar o termo *panenteísmo*. Sem ser audacioso, eu diria que Johnson precisa de um termo como *a abertura de Deus* para descrever sua posição.

³² Em oposição a Carl F. H. Henry (por exemplo), “The Sovereignty of the Omnipotent God,” cap. 16 de *God, Revelation and Authority*, vol. 5 (Waco, Tex.: Word Books, 1982).

³³ Por exemplo, J. I. Packer, *Evangelism and the Sovereignty of God* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1961), pp. 18-24.

convida pecadores a si sabendo que não podem fazê-lo—tais coisas não merecem ser chamadas de mistérios quando “mistério” é apenas um eufemismo para absurdo.³⁴

O Deus todo-poderoso delega poder a criatura, fazendo-se vulnerável. Ao dar-nos domínio sobre a terra, Deus divide poder com a criatura. A existência do pecado na história revela o efeito adverso que a desobediência tem no propósito de Deus. Deus deixa o mundo ser afetado pelo poder da criatura e corre riscos que acompanham qualquer relação genuína. Conforme as Escrituras, há um paradoxo de força e vulnerabilidade em Deus. Ainda que ontologicamente forte Deus pode ser vulnerável por causa da decisão de fazer um mundo assim. O Senhor do universo escolheu limitar seu poder ao delegar parte dele a criatura. Deus dá espaço às criaturas e as convida a serem companheiras pactuais, abrindo a possibilidade de uma comunhão de amor, mas também permitindo que certa iniciativa seja tirada de Deus e que as criaturas entrem em conflito com seus planos. Deus nos dá espaço para nos rebelarmos contra ele, e quando isso acontece, ele pacientemente espera pelo retorno dos pródigos.

O tema do reino de Deus nos ajuda a entender a soberania divina de outro ângulo. Jesus anuncia que o reino de Deus está próximo, mas ainda não em plena efetividade. No presente, a vontade de Deus é resistida por poderes das trevas, porém o dia virá em que sua vontade triunfará. No presente, o mal está desafiando o governo de Deus com efeitos consideráveis. Os poderes das trevas levantam dura resistência e até certo ponto bloqueiam os planos de Deus; isto é, eles podem restringir a habilidade de Deus responder à determinada crise. Por isso Paulo diz que o Espírito geme e espera conosco pela redenção final (Rm 8:23). A habilidade de Deus de mudar as coisas é circunscrita em formas que não podemos compreender, entretanto, isso é mais que contrariado pela esperança do reino vindouro. O mal pode ter o seu dia, mas não triunfará no final.³⁵ Por

³⁴ Ver D. A. Carson, *Divine Sovereignty and Human Responsibility* (London: Marshall, Morgan & Scott, 1981). Carson precisa fazer distinção entre *contradição* e *mistério*. Um círculo não é e não poderá jamais ser um quadrado ao mesmo tempo. Uma ação não é e não pode ser, ao mesmo tempo, determinada por Deus e livremente escolhida em um sentido significante. Afirmar o contrário não é mistério, é autocontradição. Confiar na Bíblia não é a questão—a questão é se queremos atribuir contrassensos a Escritura na nossa interpretação dela. Ver David Bassinger, “Biblical Paradox: Does Interpretation Change Logic?” *Journal of the Evangelical Theological Society* 30 (1987): 205-13, e Bauman, *Pilgrim Theology*, pp. 29-30.

³⁵ Walter Wink, “Prayer and Powers,” cap. 16 de *Engaging the Powers* (Minneapolis: Fortress, 1992).

sua decisão de criar um mundo como o nosso, Deus mostrou sua disposição de correr riscos e trabalhar com uma história cujo resultado ele não decide integralmente. A teologia não trabalha com uma ideia abstrata de poder que confunde soberania com tirania.³⁶

A soberania divina envolve um funcionamento flexível dos propósitos de Deus na história. Soberania refere-se a sua habilidade de administrar as coisas, como o único Deus sábio, a despeito da resistência a sua vontade. Devido à ênfase da teologia na onipotência, fomos tendenciosos a ignorar a forma de poder chamada de persuasão. Não é o único tipo de poder que Deus tem a sua disposição, mas é uma forma nobre que tem sido rejeitada na tradição, na qual o poder tende a ser associado, e até equipado, com a coerção. O poder do amor de Deus (por exemplo) não exige, mas nos corteja e transforma. Esse poder pode nos livrar do mal e transformar-nos o coração perverso. Contudo, reduzir o poder de Deus a persuasão o deixaria por demais passivo—seria uma reação extrapolada à onipotência.

Ao mesmo tempo, todavia, o poder da persuasão é um poder admirável. O poder de Deus não é maravilhosamente manifesto na sua condescendência às nossas fraquezas como o é no céu estrelado? É tão claro na Escritura, como ilustrado no tratamento de Deus com Moisés, que Deus não domina seus servos, mesmo que pudesse facilmente fazê-lo, mas trabalha com mortais e todas as suas hesitações e incertezas. Deus honra a dignidade de Moisés ao ponto de, quando não consegue persuadi-lo a aceitar o chamado, Deus recorre a um plano alternativo, chamando Arão. Deus almeja o melhor em cada situação e está até mesmo disposto a trabalhar com opções que são menos de que o melhor. Deus aceita o que as pessoas decidem fazer com os poderes que lhes foram dados. O futuro não é determinado exclusivamente por Deus, mas em parceria com agentes humanos. Deus nos dá um papel na formação do que o futuro será. Ele é flexível e não insiste em fazer as coisas do seu jeito. Deus ajustará seus próprios planos porque é sensível ao que humanos pensam e fazem.³⁷

³⁶ Pannenberg, *Systematic Theology*, 1:416.

³⁷ Essa percepção é adequadamente trazida à tona por Terene E. Fretheim, *Exodus* (Louisville, Ky.: John Knox, 1991), em vários pontos do livro.

Entender o poder Deus lança certa luz sobre o controvertido problema do mal. Se este é um mundo onde o mal é possível, mas não inevitável, então ele pode ser visto como primariamente decorrente do mau uso da liberdade. A plena exibição da soberania de Deus não seria uma realidade presente, mas algo a surgir no fim da história, quando sua glória for revelada, em vez de no presente tempo, enquanto o Espírito sofre conosco e o universo geme.³⁸

Chamamos este modelo de abertura divina de teísmo do livro arbítrio. Afirmando o poder de Deus, este modelo entende que Deus é voluntariamente autolimitado, dando espaço para a liberdade de suas criaturas. Sem fazer de Deus finito, esta definição estima o deleite de Deus em um universo que ele não controla totalmente.

A IMUTABILIDADE DE DEUS

A Trindade existe imutavelmente de eternidade a eternidade—e nada pode mudar isso. Além disso, podemos sempre confiar que Deus é fiel as suas promessas; ele não é inconstante ou caprichoso de maneira alguma. Imutabilidade deve focar na fidelidade de Deus como um ser relacional e pessoal.

Mas a tradição levou a imutabilidade longe demais na direção da imobilidade e da inércia. Alguns argumentaram que Deus é totalmente atual, em nada potencial, e assim não pode mudar de nenhuma forma. Eles equipararam a ideia bíblica de fidelidade com a ideia grega que requer que quaisquer mudanças relacionadas a Deus ocorram somente no lado humano. Este é o erro que tentou alguns teólogos antigos a explicar a encarnação sem admitir que Deus mudou, e elaborar interpretações forçadas para dezenas de passagens bíblicas acerca de Deus se arrependendo e mudando.

Esse é um erro do ponto de vista bíblico. O Deus da Bíblia é um Deus de ação, não inatividade. Deus é imutável em essência e em confiabilidade ao longo do tempo, mas muda em outros aspectos. Por exemplo, Deus muda em sua reação a eventos na história. A Bíblia diz que quando Deus viu a dimensão da maldade humana na terra, ele

³⁸ Sobre o mal e a abertura de Deus, ver Rice, *Openness of God*, cap. 4.

se arrependeu de ter feito a humanidade (Gn 6:5). O livro de Jonas diz que, ao ver a conversão de Nínive, Deus se arrependeu do mal que com prometera afligi-los (Jn 3:10). Essa segunda passagem é muito esclarecedora porque nos diz que Deus experimenta a passagem do tempo, aprende novos fatos à medida que acontecem e muda planos em resposta ao que os humanos fazem.

Deus é imutável em natureza e essência, mas não em experiência, conhecimento e ação. Em sua natureza, Deus é consistentemente fidedigno, amável e completamente digno de dependência. O caráter de Deus é fiel e fidedigno—ele é um amigo estável que se apega a nós e não nos abandona. Sua preocupação para com a criatura é constante e nada pode ser afetado por coisa alguma. Do ponto de vista da experiência, todavia, Deus responde às necessidades mutáveis de seus filhos e muda a direção quando necessário. Deus é imutável em natureza, mas possui a natureza de uma pessoa criativa que interage. A imutabilidade de Deus não exclui sua capacidade de resposta, a qualidade que capacita Deus a lidar com cada acontecimento novo e encaminhá-lo aos seus objetivos sem violar a integridade do acontecido.

Quando digo que Deus é sujeito a mudanças, refiro-me a um tipo de mutabilidade unicamente divino. Não quero dizer que Deus é sujeito a mudança involuntariamente, o que faria dele um ser contingente, mas que Deus se permite tocar pelo mundo ao passo que continua a transcendê-lo.

A IMPASSIBILIDADE DE DEUS

A impassibilidade é o mais dúbio dos atributos divinos discutidos no teísmo clássico, porque sugere que Deus não experimenta tristeza, pesar ou dor. O teísmo clássico parece negar que Deus é tocado pelo sentir de nossas enfermidades, apesar do que a Bíblia eloquentemente fala acerca do seu amor e pesar. Como pode Deus ser amoroso e não sentir dor por causa do mal? Como pode Deus ser impassível quando o Filho encarnado experimentou sofrimento e morte?³⁹

³⁹ Terence E. Fretheim, *The Suffering of God: An Old Testament Perspective* (Philadelphia: Fortress, 1984) e Paul S. Fiddes, *The Creative Suffering of God* (Oxford: Clarendon, 1988).

O sofrimento ou *pathos* de Deus é um forte tema bíblico—O amor de Deus, sua ira, zelo e sofrimento são todos proeminentes. Deus sofre quando seu relacionamento com a humanidade é rompido. Nesse contexto, ele agoniza por seu povo e diz: “Meu coração está comovido dentro de mim, as minhas paixões, à uma, se acendem.” (Oséias 11:8 ARA). Deus não é frio e insensível, mas se envolve profundamente e pode ser ferido. A ideia da impassibilidade de Deus vem mais de Platão que da Bíblia.⁴⁰

O tema do sofrimento exhibe fortemente a abertura de Deus ao mundo. Não sendo indiferente e impassível, Deus não somente imagina como seria sofrer, ele realmente sofre por causa de sua decisão de amar. Deus escolheu ser aberto ao mundo e compartilhar do sofrimento dele por causa do seu amor. A transcendência de Deus sobre o mundo não o impede de interagir com o mundo ou se afetado pelo mundo.

O que significa dizer que Deus sofre? Este é um mistério da vida interior de Deus. Platão não estava totalmente errado ao dizer que Deus deve ser livre de certos tipos de paixão e emoção. Afinal de contas, Deus não é uma criatura; portanto, ele não sofre exatamente das formas que sofremos. Reagir à dor, por exemplo, deve ser em certo sentido uma resposta imaginativa ao sofrimento da criatura. Como Deus poderia experimentar a dor física, se ele não é corpóreo? Como ele sofreria a dor da solidão se é trino? Ou a dor do medo quando é seguramente Deus? O que deveríamos dizer é que Deus simpatiza em sua relação conosco. Deus arriscou sofrer quando se abriu ao mundo, quando tornou possível criaturas terem impacto sobre si. Deus arriscou sofrer quando decidiu amar e ser amado por criaturas. A existência do amado é inescapavelmente afetada pelo outro, especialmente quando o amado age de maneiras que afligem e desapontam. Ouça o sofrimento de Deus na ânsia por seu filho desobediente: “Não é Efraim meu precioso filho, filho das minhas delícias? Pois tantas vezes quantas falo contra ele, tantas vezes ternamente me lembro dele; comove-se por ele o meu coração,

⁴⁰ Em seu livro *The Pleasures of God*, John Piper acerta ao dizer que Deus se deleita em ser Deus, mas omite que o coração de Deus pode ser ferido. Piper também atribui a Deus prazeres que ele não possui—como o prazer de deliberadamente não eleger alguns pecados para a salvação—e priva Deus do prazer que vem de uma interação genuína com pessoas criadas por supor que Deus deseja controle absoluto.

deveras me compadecerei dele, diz o SENHOR” (Jr 31:20 ARA). Obviamente, Deus sente a dor de relacionamentos quebrados.

Ao mesmo tempo, a impassibilidade é uma ideia sutil com um grão de verdade. Devemos fazer distinção entre as formas em que Deus pode sofrer e as formas em que Deus não pode sofrer. Deus está além de certos modos de sofrimento, assim como está além de alguns modos de mudança. Podemos dizer que Deus é impassível em natureza mais passível em sua experiência do mundo. Mudanças acontecem no mundo e afetam Deus quando ele toma conhecimento delas. Quando a mudança envolve sofrimento de inocentes (por exemplo), Deus responde ternamente.⁴¹

A ETERNIDADE DE DEUS

Devemos dizer que Deus é temporalmente eterno ou atemporalmente eterno? O teísmo clássico fez a forte reivindicação de que Deus é atemporal, no sentido de existir fora do tempo e da sequência. Essa visão fortemente enfatiza a transcendência de Deus sobre o mundo. E já que um ser atemporal seria totalmente atual, imutabilidade e impassibilidade são fortemente implicadas.⁴²

Contudo, a atemporalidade apresenta muitas dificuldades do ponto de vista teológico. Primeiro, é difícil formar alguma ideia do que a atemporalidade pode significar já que todo o nosso pensamento é temporalmente condicionado. Um ser atemporal não poderia fazer planos nem os realizar. Segundo, cria problemas para a história bíblica, que retrata Deus como alguém que faz planos, experimenta o fluxo da passagem temporal e encara o futuro como ainda não completamente certo. Como pode um Deus atemporal ser o criador de um mundo temporal? Por que Deus é descrito como envolvido em realidades temporais? Terceiro, essa noção parece comprometer nossa adoração a Deus. Não adoramos a Deus não porque ele está além do tempo e da mudança, mas porque ele trabalha redentoramente no tempo e realiza a salvação? Quarto, se Deus não

⁴¹ Sobre as sutilezas da impassibilidade, ver Richard E. Creel, *Divine Impassibility: An Essay in Philosophical Theology* (Cambridge: Cambridge University Press, 1986).

⁴² Ver Stephen T. Davis, *Logic and the Nature of God* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1983) e Ronald H. Nash, *The Concept of God* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1983).

experimentasse eventos à medida que sucedem, ele não poderia experimentar ou conhecer o mundo como ele realmente é. Se a eternidade de Deus fosse atemporal, Deus não poderia estar relacionado ao nosso mundo temporal. De fato, todavia, os símbolos bíblicos não falam de atemporalidade divina, mas da fidelidade de Deus no tempo. Embora murchemos e morramos, Deus permanece e não é ameaçado ou desfeito com o tempo. Precisamos de um entendimento da eternidade de Deus que não cancele ou aniquile o tempo, mas que se coloque em boa relação com ele, que é por nós e não contra nós.

Experimentando a passagem temporal, Deus enfrenta um futuro aberto. A distinção entre o que possível e o que é atual é válida tanto para Deus como para nós. O passado é real, o presente está se tornando e o futuro é possível. O Eterno é ativo e dinâmico em todo esse fluxo, encarando possibilidades futuras e trabalhando para realizá-las. Transcendente à passagem temporal, Deus está no processo sem lhe ser involuntariamente sujeito.⁴³

Quando digo que Deus é eterno quero dizer que Deus transcende nossa experiência do tempo, é imune as destruições do tempo, é livre da nossa inabilidade de lembrar e etc. Afirmo que Deus está conosco no tempo, experimentando a sucessão de eventos conosco. Passado, presente e futuro são reais para Deus. Isso está por trás da reivindicação bíblica de que Deus é um agente que trabalha na história, que faz planos e os realiza, que lembra do passado e concede promessas sobre o futuro. A eternidade de Deus abraça o tempo e traz eventos temporais à vida divina.

O Deus da Bíblia não é atemporal. Sua eternidade significa que nunca houve nem haverá um tempo em que Deus não existe. A atemporalidade limita Deus. Se fosse atemporal, Deus estaria impossibilitado de operar a salvação no tempo, seria cortado do mundo, não teria relacionamentos reais com as pessoas e seria completamente estático. Deus não é temporal como as criaturas são, contudo, pode entrar no tempo e se relacionar com a sequência e a história. Quando digo que Deus está no tempo, não quero dizer que Deus está exaustivamente no tempo. Mesmo na experiência humana, parcialmente

⁴³ O leitor que ainda se preocupa ao achar que isso soa muito como o teísmo do processo deve consultar a última nota do capítulo.

transcendemos o tempo através da memória, da imaginação e da razão. A transcendência de Deus sobre o tempo é vastamente mais perfeita que a nossa. Colocando de forma positiva, o Criador do tempo e do espaço é simultaneamente Aquele que mais perfeitamente experimenta o tempo. Deus ama o tempo e entra na experiência do tempo, não só na encarnação, mas sempre. A Bíblia vê Deus como presente no fluxo da história, encarando o futuro como uma questão parcialmente incerta. Digo parcialmente porque muito do futuro é certo pelo que já aconteceu e pelo que Deus planeja fazer.⁴⁴

O CONHECIMENTO DIVINO

Obviamente, Deus necessariamente sabe todas as coisas que podem ser conhecidas e as conhece verdadeiramente. Ser capaz de conhecer tudo que pode ser conhecido é uma dimensão do poder de Deus. Ignorância, ou não saber algo que Deus precisa saber para poder governar o universo e buscar sua vontade, seria uma limitação séria. Entretanto, onisciência não precisa significar conhecimento prévio exaustivo de todos os eventos futuros. Se esse fosse seu significado, o futuro seria fixo e determinado, muito semelhante ao passado. Conhecimento total do futuro implicaria em uma imutabilidade de eventos. Nada no futuro precisaria ser decidido. Também implicaria que a liberdade humana é uma ilusão, que não fazemos diferença e não somos responsáveis.

O que a Bíblia diz sobre o conhecimento de Deus? Muitos acreditam que a Bíblia diz que Deus tem pré-conhecimento exaustivo, mas ela não o diz.⁴⁵ Ela diz, por exemplo, que Deus testou Abraão para ver o que ele iria fazer e depois do teste disse através do anjo: “Agora sei que temes a Deus” (Gn 22:12). Essa era uma porção de informação que Deus estava ansioso para saber com certeza. Em outro lugar, Moisés disse que Deus estava testando o povo para saber se eles realmente o amavam ou não (Dt 13:3). Conhecimento prévio total colocaria em perigo a genuinidade do relacionamento divino-

⁴⁴ Nelson Pike, *God and Timelessness* (New York: Schocken Books, 1970) e Hasker, *God, Time and Knowledge*.

⁴⁵ É geralmente suposto que a Bíblia ensina que Deus tem pré-conhecimento exaustivo; de Stephen Charnock (d. 1680), *The Existence and Attributes of God* (Ann Arbor, Mich.: Sovereign Grace, 1967), pp. 181-260, a John Piper, *Pleasures of God*, cap. 2.

humano. Que tipo de diálogo é esse em que uma parte já sabe o que a outra dirá e fará? Eu não chamaria isso de relacionamento pessoal. Ao comentar sobre a maldade de Israel, Deus expressa frustração: “Nem me passou pela mente fizessem tal abominação” (Jr 32:35 ARA). Deus não tinha antecipado tal frustração. No livro de Jonas, Deus ameaça Nínive com destruição e então cancela o juízo (para o grande desgosto de Jonas) quando as pessoas se arrependem (Jn 3:10). O arrependimento deles não era algo que Deus já sabia que aconteceria. Ele estava planejando destruí-los, mas mudou de ideia quando eles se converteram.

Deus frequentemente diz coisas assim na Bíblia: “Talvez entenderão” ou “pode ser que ouçam.” De tais frases precisamos deduzir que Deus tem opções diferentes dependendo das respostas que as pessoas terão (ver Jr 26:3, Ez 12:3 etc). Ao dizer “talvez”, Deus também indica que não possui conhecimento completo do futuro. As dezenas de exemplos semelhantes por toda a Escritura estabelecem o que a Bíblia pensa a respeito de um futuro aberto que não é completamente certo. A crença popular na total onisciência de Deus é mais uma antiga tradição que uma ideia bíblica.⁴⁶

Alguns versículos que parecem ir mais longe não implicam conhecimento prévio exaustivo. O conhecimento de Deus é maravilhoso e de longo alcance (Sl 139:1-6), mas não precisa ser ilimitado com respeito ao futuro. Isaías recorda profecias sobre coisas por vir (Is 44:23-28), mas que principalmente estabelecem o que Deus promete fazer e não provam conhecimento prévio ilimitado. As profecias geralmente têm um cumprimento aberto e dependem de alguma forma da resposta humana.⁴⁷

Não devemos pensar a onisciência de Deus como uma vasta enciclopédia dos fatos passados, presentes e futuros. A Bíblia não enxerga a questão dessa forma, e essa não é uma maneira útil de considerá-la. Ao dar liberdade às suas criaturas, Deus lhes deu um futuro aberto, um futuro a ser formado por suas decisões até certo ponto, não um futuro já determinado em cada detalhe. Não limitamos Deus ao dizer que ele pode se surpreender com o que suas criaturas fazem. Seria uma séria limitação se Deus não

⁴⁶ A discussão de Fretheim, *The Suffering of God*, cap. 4, é útil nesse ponto, apesar de William Lane Craig não concordar; ver o seu livro *The Only Wise God: The Compatibility of Divine Foreknowledge and Human Freedom* (Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1987).

⁴⁷ Sobre profecia e conhecimento prévio, ver Rice, *God's Foreknowledge*, cap. 7.

puddesse experimentar surpresa e deleite. O mundo seria um lugar tedioso sem qualquer coisa inesperada jamais acontecendo.

Aqueles que estão incertos quanto a isso deveriam se perguntar se Deus *poderia* criar um mundo onde ele não estivesse no controle total de tudo, onde ele experimentaria riscos e não conheceria previamente todas as decisões de suas criaturas de antemão. Certamente isso deve ser possível se Deus é todo-poderoso. Mas o mundo não é exatamente assim? Deus já não fez justamente tal mundo? A Bíblia não presume isso e nossa experiência não é assim?

Filosoficamente falando, se escolhas são reais e significantes em termos de liberdade, decisões futuras não podem ser exaustivamente conhecidas de antemão. Isso se dá porque o futuro não é determinado, mas parcialmente formado por escolhas humanas. O futuro não é fixo como o passado, que pode ser completamente conhecido. O futuro ainda não existe e, portanto, não pode ser infalivelmente antecipado, mesmo por Deus. Decisões futuras não podem ser pré-conhecidas em todos os detalhes, porque elas ainda não foram tomadas. Deus conhece tudo que pode ser conhecido—mas o conhecimento prévio de Deus não inclui o que ainda não foi decidido.

A realidade das nossas decisões seria seriamente minada se elas fossem conhecidas antecipadamente, soletradas em um registro celestial e fosse absolutamente certo que elas aconteceriam. Isso faria com que o futuro fosse fixo e certo, e tornaria ilusório o sentido de nossas deliberações ante opções reais. Podemos pensar sobre isso pela analogia de pais e filhos. Como um pai, Deus sabe o que precisa saber para lidar com qualquer contingência, mas não sabe nem precisa saber todos os detalhes do futuro. Deus é uma pessoa e lida conosco como pessoas. Isso significa que Deus nos entende, tem intuição em cada situação que encaramos e é capaz de lidar apropriadamente com todas as situações.

Isso implica que Deus aprende coisas e (eu acrescentaria) se deleita em aprendê-las. Não significa que Deus é aluno de alguém ou que tem de superar a ignorância e aprender coisas das quais deveria estar informado. Antes, significa que Deus criou um mundo dinâmico e mutável, e aprecia conhecê-lo. Este é um mundo de liberdade, capaz de genuína novidade, criatividade inexaurível e surpresas reais. Acredito que Deus se

deleita na espontaneidade do universo e gosta de conhecê-lo continuamente em um amor que nunca muda, tal como amamos conhecer mais nossos filhos à medida que crescem. Deus é o melhor aprendiz de todos porque ele está completamente aberto a todas as possibilidades de um mundo em desdobramento, enquanto nós somos finitos e lentos para reagir, relutantes para aprender e inclinados a distorcer a realidade por nossos próprios interesses. Em vez de presumirmos que Deus não pode aprender, devemos tentar aprender como Deus aprende. Se essa questão do aprendizado de Deus lhe pega de surpresa, lembre-se que pré-conhecimento simples também implica que Deus aprende a partir do que as criaturas fazem. Não estou falando em um sentido temporal agora, mas indicando que parte do que Deus conhece depende do que criaturas fazem.⁴⁸

Assim, Deus não conhece de antemão toda decisão futura ou o resultado de cada decisão humana. Deus é onisciente no sentido de que conhece tudo que é possível conhecer e poderoso o suficiente para fazer o que for necessário. Debaixo dessas circunstâncias, mais poder e mais sabedoria são exigidos para que Deus efetive sua vontade em um mundo que não controla do que em um mundo por ele controlado. Como Gregory Boyd observa, “É necessário muito mais autoconfiança, muito mais sabedoria, muito mais amor e sensibilidade para governar aquilo que é pessoal e livre do que para governar aquilo sobre o qual se tem controle absoluto.”⁴⁹ Como um aparte político, o que pensaríamos daqueles que afirmam que controle total é louvável como um modo de governo?

CONCLUSÃO

O Deus que amamos e adoramos é o Deus vivo, que é metafisicamente social e deseja se relacionar conosco. Deus é alguém cujos caminhos são marcados por flexibilidade e dinamismo, que age e reage em nome do seu povo, que não existe em esplêndido isolamento deste mundo mutável, mas se relaciona com suas criaturas e com

⁴⁸ Ver John M. Hull, *What Prevents Christian Adults from Learning?* (Philadelphia: Trinity Press International, 1991), pp. 219-38.

⁴⁹ Boyd, *Time and Process*, p. 336.

elas partilha vida. Deus não só dirige, mas interage. Não sendo um motor imóvel, Deus responde sensivelmente ao que acontece na terra e se relaciona conosco. Ele é o Criador onipotente, mas usa seu poder cuidadosa e sutilmente no mundo. Ao trazer outros agentes livres à existência e entrar em suas vidas com amor, Deus é aberto.

Estamos buscando corrigir a tradição sem extrapolar na correção. Deus é exaltado sobre tudo, contudo preenche todas as coisas. Deus é imutável, contudo se relaciona conosco em um mundo mutável. Deus não pode ficar perplexo, mas sofre com o seu povo. O poder de Deus é ilimitado, mas implantado de formas que podem parecer fracas. Deus não é sujeito a mudança ou decadência, mas se identifica com a passagem temporal. Deus conhece tudo, mas ainda está aprendendo o que o mundo está se tornando.

A visão aberta de Deus salienta qualidades de generosidade, sensibilidade e vulnerabilidade mais que poder e controle. Ela nos permite pensar em Deus como alguém que corre riscos. Ao invés de colocar Deus acima e além da história, ela enfatiza a atividade de Deus na história, respondendo aos eventos à medida que acontecem a fim de cumprir seus propósitos. Em vez de decidir o futuro por si mesmo, Deus fez criaturas capazes de se surpreender e se deleitar nele. Como um pai amoroso, Deus se regozija com eles quando estão felizes e sofre quando padecem de dor. Em e por meio de tudo, Deus se compromete com o seu bem-estar e continuamente trabalha para lhes alcançar o melhor.

A imagem de Deus que recebo da Bíblia é de Alguém que se arrisca e coloca em perigo sua própria soberania a fim de se engajar em interações históricas com a realidade criada. O Deus trino trilha esse caminho a partir do amor que é fundamental ao seu próprio ser. Isso não faz da história a autora de Deus. Essa visão retrata Deus como o autor da história, que se deleita na interação significativa com criaturas à medida que seus propósitos para o mundo são realizados.⁵⁰

⁵⁰ Antecipando a crítica de que a visão aberta de Deus é uma forma de teologia do processo, deixe-me reiterar duas formas em que ela difere. Primeiro, Deus é ontologicamente outro em relação ao mundo, que não é necessário a Deus—o mundo existe somente porque Deus o quer. Portanto, Deus não depende do mundo por necessidade, mas voluntariamente, porque ele decidiu criar um mundo onde haveria mutualidade e interdependência relacional. Em segundo lugar, Deus não somente sustenta o mundo como a base de sua (do mundo) existência, mas também age na história para trazer salvação. Deus esteve particularmente ativo na corrente da história humana que culminou na vida, morte e ressurreição de Jesus, e se envolveu em magníficas ações que vão além da sustentação do processo do mundo. Deus também está ativo na inteireza da história do mundo pelo Espírito, que sustenta e dirige todas as coisas.